

Verdade contra o método: uma hermenêutica da hermenêutica filosófica gadameriana

Lionara Fusari¹

I- Uma hermenêutica da hermenêutica gadameriana

A ideia inicial que abre este trabalho é a de que o empreendimento gadameriano em *Verdade e Método II* (2002) assemelha-se a uma caçada filosófica. A metáfora descreve como possivelmente pode ser interpretado o desenvolvimento do trabalho de Gadamer em relação à hermenêutica filosófica. Essa metáfora pode resumir-se assim: Gadamer seria como aquele caçador, em uma floresta, que, antes de empreender sua aventura em busca do animal que quer capturar, prepara-se com todo o aparato indispensável para realizar sua missão. Mas que demonstra estar um pouco confuso inicialmente e sem saber onde seu animal está, ele sai à procura dele caminhando longamente. Entretanto, somente após parar e estabelecer uma estratégia de caça é que ele captura o animal almejado.

Em *Verdade e Método II*, como descrito no início da metáfora, Gadamer, primeiramente, arma-se e mune-se de meios para empreender sua caçada, sua investigação filosófica. Entretanto, no momento em que ele chega à floresta ele parece buscar ansiosamente o animal que quer caçar, mas aparenta não ter eleito um método, uma estratégia delimitada, que lhe permitia avançar no encalço do animal, do seu propósito filosófico. Nosso autor queria se ocupar com a hermenêutica filosófica, todavia parecia não ter ainda ajustado e atingido o foco de sua busca de maneira satisfatória, para conduzir-se com mais “rapidez” e “objetividade” na caçada. Gadamer produziu e multiplicou análises múltiplas, consideradas por ele relevantes para o que buscava. Isso torna Gadamer pouco compreendido e aprofundado por apresentar uma dificuldade intrínseca ao seu próprio estilo de exposição, em que ele não disponibiliza uma metodologia na apresentação de seu objeto, ou seja, seu modo de fazer a caçada. Além disso, percebe-se no posfácio da terceira edição de *Verdade e Método*, que a hermenêutica filosófica torna-se uma crítica ao método restritivo da ciência (e o apego demasiado que ela tem à sua metodologia, como se verá logo mais).

Assim, o autor de *Verdade e Método II* (2002), trabalha com uma pressuposição permanente de seu método hermenêutico e filosófico enquanto desenvolve sua obra – tal que o mesmo não fica muito claro para o leitor, mas do qual Gadamer se serve para fazer as análises e incursões teóricas em várias regiões do saber teórico (na arte, na linguagem, na historicidade, na ciência, ...).

¹Doutoranda em Filosofia na PUCRS.

Através dessa investigação perceptiva, o que provavelmente Gadamer tinha em vista seria a hermenêutica filosófica como aquela que se constrói como um olhar que se serve de uma lupa e passa a observar o que está no fundo de uma trama – que antes era vista de uma perspectiva superficial. A hermenêutica gadameriana aborda a problemática de uma possível verdade que fica encoberta (ou verdades encobertas), ou nem é alcançada por serem utilizados métodos excessivos, restritivos e/ou irracionais, sem um comprometimento, para se chegar a uma conclusão coerente. Por isso, Gadamer quis – como se verá logo a seguir –, salientar que a ciência, por vezes, tentou produzir racionalidade através de metodologias irracionais, sem nem sequer se questionar se as implicações obtidas por meio delas tinham algum valor de verdade ou se seriam válidas. Além disso, ele aponta uma fragilidade significativa nas ciências, que por não serem capazes de compreender o que não é mensurável através de seus métodos – objetos tais como a filosofia – imediatamente descartam o que não entendem dizendo que lá não existe um objeto a ser investigado.

II-Aprofundando a hermenêutica filosófica em relação à ciência

Para Gadamer a hermenêutica filosófica também é uma mediação. Ele diz: “se quisermos caracterizar o lugar de meu trabalho dentro da filosofia de nosso século, devemos partir diretamente do fato de que tentei oferecer uma contribuição mediadora entre filosofia e ciência” (2002, p. 509). A hermenêutica filosófica, nesse sentido, interpreta e critica os métodos científicos de modo a visualizar o que de fundo a ciência tem em vista quando aplica e sustenta seus métodos. Ou seja, nosso autor não rechaça a ciência por completo, mas mostra que há alguma face distorcida e possíveis falhas no modo de fazer ciência e na maneira de comprovar as hipóteses que podem estar em jogo e, com isso, a ciência afasta-se de resultados mais comprometidamente verazes aos quais ela poderia chegar. A hermenêutica filosófica se torna uma voz que ecoa, e que faz reverberar para a ciência aspectos de sua própria prática, para que ela reavalie o seu agir metodológico.

Por isso, o papel de Gadamer também foi o de ser um intérprete da ciência e, com sua verdade *contra* o método, ele visava desvelar os limites aos quais a ciência estava sujeita – área essa que praticamente não assume ainda suas falhas e pouco aprende com seus resultados e métodos infrutíferos. Thomas Kuhn, em *A estrutura das revoluções científicas* (2007), ao questionar-se sobre quais aspectos seriam proeminentes na ciência, e em como ela poderia superar-se, afirma: “[e]m primeiro lugar, ao menos em ordem de apresentação, está a insuficiência das diretrizes metodológicas para ditarem, por si só, uma única conclusão

substantiva para várias espécies de questões científicas” (KUHN, 2007, p. 22). Isto é, se a ciência é insuficiente em sua metodologia, utilizando os mesmos métodos para a análise de variados e diferentes aspectos, ela pode estar incorrendo em enganos na obtenção de seus resultados e, por conseguinte, apontando vantagens/desvantagens equivocadamente em relação a certos segmentos sociais ou outros resultados. Gadamer, através de sua hermenêutica na versão filosófica, ressaltou interpretativamente, e mostrou ao leitor, que a ciência não é absoluta e, muito menos, que seria um objeto de idolatria, estando ela sujeita a impropriedades, revisões e, principalmente, a correções de sua própria trajetória.

Mas seria a hermenêutica gadameriana apenas uma crítica à ciência e seus métodos (irracionais)? O presente autor expõe que:

(...) a hermenêutica filosófica insere-se num movimento filosófico de nosso século que superou a orientação unilateral do *factum* da ciência, que era evidente e natural tanto para o neokantismo quanto para o positivismo da época. Mas a hermenêutica tem sua relevância para a teoria da ciência, na ***medida em que com sua reflexão no âmbito das ciências descobre condicionamentos de verdade que não pertencem à lógica da investigação, mas que a precedem.*** (GADAMER, 2002, p. 509-510, grifos da presente autora).

Nesse ínterim, o que se pode dizer é que a hermenêutica vê além do que está sendo afirmado logicamente e sustentado justificadamente pelas ciências, de maneira a trazer à tona o contexto ou contextos de fundo em que um determinado “saber científico” é constituído. Em geral, nas ciências pouco se leva em conta o que está além da própria pesquisa, aspectos tais como situações e conjunturas que podem influenciar os resultados e modificar o que foi “comprovado” por meio de um método.

Gadamer, em *Verdade e Método II* (2002), veio observando a ciência de tal modo que percebeu como ela foi desenvolvendo-se historicamente e passou a ser objeto norteador e inquestionável de muitos indivíduos, tendo sido elevada a um estado de perfectibilidade ilusório. Portanto, para a ciência, e os que a colocaram-na em um patamar de perfectibilidade, tudo o mais que não passasse pelos crivos metódicos científicos seria objeto sem valor e vazio, carecendo de conteúdo e relevância para ser investigado. “De fato, a ***absolutização do ideal da “ciência” exerce um fascínio tão grande que induz sempre de novo a considerar que a reflexão hermenêutica carece de objeto.*** Parece que o investigador tem dificuldades de ver o estreitamento perspectivístico que o pensamento metodológico traz consigo” (GADAMER, 2002, p. 512, grifo da própria autora). No pensamento gadameriano, a crítica está relacionada ao fato de a ciência ser, metaforicamente, elevada a uma perfectibilidade

intocável, que faz dela objeto de idolatria, enquanto todo o resto é considerado infundado e inútil. E a hermenêutica filosófica buscou contribuir para que o leitor, o pesquisador, e qualquer indivíduo, pudessem reflexionar criteriosamente sobre os posicionamentos e resultados científicos, de modo a encontrar-se capacitado em distinguir a estreiteza da perspectiva científica (que se observa apenas segundo seus interesses, desconsiderando todo o resto como situações, contextos, pessoas, consequências da produção de seu “saber”) da possível visão de conjunto que outras ciências poderiam oferecer.

Contudo, será que realmente o que a estreiteza metodológica da ciência não alcança e não consegue mensurar e comprovar, deve ser imediatamente descartado e inutilizado, ou poderia, processualmente, ser visto como fonte de conteúdos a serem interpretados, analisados e, possivelmente, utilizados para algum fim teórico? A filosofia gadameriana não é sistemática e nem representa a produção de uma teoria do conhecimento, mas uma interpretação crítica e filosófica com uma habilidade que distingue possíveis distorções (e benefícios) que a ciência estaria produzindo para a sociedade, sem idealizá-la, absolutizá-la ou idolatrá-la. A hermenêutica filosófica, segundo o recorte que aqui se está trabalhando, orienta a visão para diversos aspectos de fundo que a ciência, por vezes, não considera e não se indaga sobre os mesmos enquanto conduz suas pesquisas.

Gadamer chamou muito bem a atenção para o seguinte aspecto de irracionalismo da ciência:

(...) é que, em nome da racionalidade, a *teoria da ciência abandona-se a um completo irracionalismo e considera ilegítima a tematização desses pontos de vista da prática do conhecimento, feitos pela reflexão filosófica*. Chega ao ponto, inclusive, de acusar a filosofia, que faz essa reflexão, de estar imunizando suas afirmações contra a experimentação. (2002, p. 513, grifos da presente autora).

Esse irracionalismo científico está aqui atrelado ao perspectivismo metodológico estreito do qual a ciência se serve. Para a ciência o que veio sendo relevante, ao longo de sua trajetória, foi o afirmar-se como racional, não importando, muitas vezes, através de quais meios isso era feito – e, para tal, muitos meios irracionais e falhos foram sendo utilizados, tais como afirmar através de características físicas e comportamentais a “superioridade ou inferioridade” de raças, o agrupamento de indivíduos doentes e sem tratamento, em um local, de modo a visualizar como uma doença iria se desenvolver (justificando, com isso, que com a

erradicação de certa doença não seria mais possível estudá-la)², choques e banhos gelados utilizados no tratamento da esquizofrenia e outras doenças mentais, entre tantos outros métodos.

Nietzsche³ (1983), na obra *A gaia Ciência* no livro V parágrafo 344, faz uma ressalva em relação à ciência e ao que diz respeito a ela manter-se constantemente se “policiando” (colocando-se no papel de autocrítica de si própria) em suas pesquisas; ele não faz um exame específico do método científico, mas toca no problema da ciência necessitar se questionar sobre seu próprio proceder, o que, conseqüentemente, pode ser lido, em parte, como a metodologia científica. Mas com qual objetivo ele fez essa crítica? “Nietzsche decidiu realizar uma crítica da ciência (...) a partir do prisma da inserção social dessa atividade em sua época, do prestígio que a avaliação pública então lhe concedeu, diga-se mais, da difusão e recepção eufóricas do conhecimento científico como boa nova” (HAFEZ, 1995-6, p.244). A partir do momento em que foi iniciada uma excessiva reverência à ciência (considerando-a uma “boa nova”, elemento de salvação e resolução de todos os problemas), Nietzsche começou a desconfiar da possibilidade de algum problema nesse âmbito. Entretanto, “(...) vê-se a crítica de Nietzsche voltada não contra a ciência (e que sentido faria essa oposição?), mas contra as crenças que nela se dissimulam ou dela se alimentam, sem admitir o investimento aí realizado, ou a problematização dos valores que acarretam” (HAFEZ, 1995-6, p.244).

Conforme Gadamer, os cientistas “(...) estão tão obcecados e presos pelo metodologismo da teoria da ciência que só conseguem ver regras e sua aplicação. Não percebem que a reflexão sobre a práxis não é técnica” (2002, p. 514). E muitos cientistas – em seu *modus operandi* – ao não perceberem além da aplicação de seus métodos científicos, utilizam-se de um olhar reducionista que observa a vida humana, e sua práxis, somente por meio da tecnicização científica ou de uma simples aplicação de métodos. Gadamer tenta evitar, com seu trabalho, que o próprio ser humano e a reflexão humana sejam considerados como mais um objeto sobre o qual se aplicam métodos em vista da produção de determinados

² Método “científico” adotado em relação a um grupo de homens negros com sífilis, que foi deixado sem tratamento na década de 30 para que fosse verificado como a doença iria se desenvolver, apresentado no filme *Cobaias*. A história se passa no sul dos Estados Unidos, em 1932, local em que a sífilis tornou-se epidemia entre as comunidades afro-americanas. O tratamento foi disponibilizado, mas após algum tempo, por falta de recursos financeiros o mesmo foi suspenso. A partir daí um grupo de doutores fingiu realizar a continuidade do tratamento, para comprovar se os negros eram biologicamente diferente dos brancos. Durante anos, 600 homens foram iludidos em relação a uma cura que nunca chegaria.

³ O livro *Nietzsche e as ciências*, de Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea, Paulo Pinheiro, Rosana Suarez é um subsídio interessante para aprofundar a temática. Também o artigo *Nietzsche um “crítico” da ciência? Leitura do aforismo 344 de A Gaia ciência* de Rogério Hafez faz menção da problemática a respeito da ciência.

resultados – propositura que, em geral, é a tarefa primordial das ciências, esquecendo o ser humano e sua humanidade sobre o qual são aplicados os métodos.

Destaca-se que já que o cientista não se atém à parte crítica de sua teorização científica, cabe ao filósofo aclarar o que em sua teoria são restrições e também possíveis incoerências e preconceitos que possivelmente se apresentem na teoria do cientista e que, por falta de certo distanciamento próprio do cientista, acabam por não serem “peneirados” e permitem a confecção, por conseguinte, de uma teoria que fica comprometida, em alguma medida, na extensão de sua honestidade, deixando transparecer enganos teóricos. A ciência, na figura de seus pesquisadores, praticamente não se inquire sobre a qualidade das razões que utiliza para embasar suas ideias. Assim, uma justificação qualquer, da qual por tantas vezes a ciência se serve, nem sempre é razão adequada e coerente para o que se anseia comprovar. Isto é, para que uma teoria científica seja racional não basta ela ter justificativas, mas as razões sobre as quais ela se apoia precisam ser racionais, críticas e razoáveis (e não um mero instrumento de manipulação de grupos, como por tantas vezes se viu e se vê, ao se justificarem certas teorias científicas).

Por isso, nas palavras de *Verdade e Método II* (2002), “como se vê, o que está em questão nesse caso não é somente a função da hermenêutica dentro das ciências, mas também a autocompreensão do homem na idade moderna da ciência” (2002, p. 515). O que Gadamer buscava evitar era que o homem fosse visto de maneira reduzida, segundo uma interpretação tecnicista e metodológica da ciência; essa visão reducionista mudaria a perspectiva da relação humana, passando da relação entre seres humanos para uma que apenas seria a de observação de um mero componente objetivístico que serviria para os experimentos científicos. A hermenêutica reflete sobre como seria o ser se ele fosse somente pensado e enquadrado dentro de uma moldura tecnicizada. Portanto, o empreendimento gadameriano da hermenêutica filosófica está comprometido com a desmistificação de uma reverência completamente iludida ao que é “cientificamente” racional, enfrentando e assumindo os enganos e incoerências da razão. Assim sendo, o que torna a hermenêutica completamente distinta da ciência, e de seu método, é a consciência da historicidade e a capacidade que ela possui de abarcar criticamente sua própria trajetória.

Em relação à crítica ao método científico, a figura controversa de Paul Feyerabend (2007), em *Contra o método*, nos mostra a relevância de um possível anarquismo epistemológico, através do qual é suscitada a necessidade de um pluralismo metodológico em contraposição a métodos científicos restritivos e dogmáticos. Ou seja, ele nos mostra que para a ciência ser racional de fato, ela precisa manter-se utilizando variados métodos e em contínuo

progresso (avaliando e reavaliando-se), e com isso, se questionando sobre o alcance de suas formas metodológicas e a utilização deles (isto é, fazendo uma trajetória hermenêutica).

Portanto, a reflexão hermenêutica vem para aprimorar a consciência e ela mostra-se como o instrumento que consegue fazer os indivíduos acessarem um metanível reflexivo, que lhes oportuniza perceberem o que antes não havia sido apreendido. Como o próprio Gadamer afirma a natureza da razão “não é mera aplicação de meios racionais para conseguir objetivos e fins pré-estabelecidos” (2002, p. 531) como em boa parte das vezes a ciência faz; isso faria da razão mais um mero instrumento, no meio de tantos outros, para simplesmente responder a uma necessidade e não pensá-la e nem compreendê-la como um todo. A visão gadameriana mostra que por meio de uma constatação que se dá pela historicidade, de como os fatos chegam a ser o que percebemos deles no instante em que os analisamos, é que conseguimos ultrapassar o metodologismo da ciência e a subestimação da racionalidade nos indivíduos.

Além disso, sem a historicidade e destituída de um caráter interpretativo, que vai um pouco além dos objetivos que se quer alcançar, a ciência permaneceria errante no alcance de seus objetivos, por não refletir sobre seus métodos e sobre os prováveis enganos ocorridos ao aceitá-los sem questionamentos e despidos de qualquer interpretação.

Enfim, a ciência sem uma reflexão mais profunda sobre si mesma, seus métodos e as metas em direção aos quais ela se guia, está tateando no escuro de suas pesquisas e conduzindo indivíduos à reflexões e comportamentos equivocados. Portanto, a hermenêutica filosófica (entre outros estudos e movimentos intelectuais) contribuiu para a desmistificação e desidealização científica (entre outras áreas), e ressaltou o quanto de necessidade se tem de embasar as reflexões científicas na processualidade histórica e no que aprende-se com a mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; SUAREZ, Rosana; PINHEIRO, Paulo; ANGEL, Miguel. **Nietzsche e as Ciências**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o método**. Rio de Janeiro: UNESP, 2007.

GADAMER, H.G. **Verdade e Método II**. Tradução Ênio Paulo Giachini; revisão da tradução Márcia Sá Cavalcante-Schuback . Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

HAFEZ, Rogério. Nietzsche um “crítico” da ciência? Leitura do aforismo 344 de A Gaia ciência. **Revista USP**, São Paulo, v. 28, p. 232-244, Dez./Fev. 1995-96. Acesso em 28 Mai

2011 Retirado de: <<http://pt.scribd.com/doc/7340183/Revista-Usp-Nietzsche-Um-Critico-Da-Ciencia-PDF>>

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

NIETZSCHE, F. W. A gaia ciência. In Nietzsche, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.